



**DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**VALDIANA MARTINS DE LIMA**

**DIÁLOGO ENTRE ROMANCES: ECOS DO PASSADO EM  
*WUTHERING HEIGHTS*, DE EMILY BRONTË, E *H: THE STORY OF  
HEATHCLIFF'S JOURNEY BACK TO WUTHERING HEIGHTS*,  
DE LIN HAIRE-SARGEANT**

**Guarabira – PB  
Dezembro - 2011**

**VALDIANA MARTINS DE LIMA**

**DIÁLOGO ENTRE ROMANCES: ECOS DO PASSADO EM  
*WUTHERING HEIGHTS*, DE EMILY BRONTË, E *H: THE STORY OF  
HEATHCLIFF'S JOURNEY BACK TO WUTHERING HEIGHTS*,  
DE LIN HAIRE-SARGEANT**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação Inglês.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Sueli Meira Liebig

**Guarabira – PB  
Dezembro - 2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

L732d

LIMA, Valdiana Martins de

Diálogo entre romances: ecos do passado e Wuthering Heights, de Emily Brontë, E H: the story of heathcliff's Journey Back to Wuthering Heights, de Lin Haire-Sargeant / Valdiana Martins de Lima. – Guarabira: UEPB, 2011.

22f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Sueli Meira Liebig.”

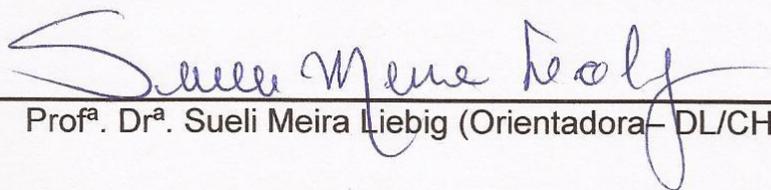
1. Dialogismo    2. Intertextualidade    3. Recepção  
Criativa            I.Título.

22.ed. CDD 418

## FOLHA DE APROVAÇÃO

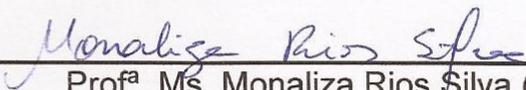
O artigo foi aprovado em 06 de dezembro de 2011, no qual obteve nota 10,0 (dez).

### BANCA EXAMINADORA:



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sueli Meira Liebig (Orientadora – DL/CH/UEPB)



---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Monaliza Rios Silva (1<sup>a</sup> Examinadora – DL/CH/UEPB)



---

Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (2<sup>o</sup> Examinador – DL/CH/UEPB)

## DIÁLOGO ENTRE ROMANCES: ECOS DO PASSADO EM *WUTHERING HEIGHTS*, DE EMILY BRONTË, E *H: THE STORY OF HEATHCLIFF'S JOURNEY BACK TO WUTHERING HEIGHTS*, DE LIN HAIRE-SARGEANT

### Resumo:

Este trabalho propõe uma análise sobre os elementos dialógicos entre *Wuthering Heights* (*O Morro dos Ventos Uivantes*- 1847), de Emily Brontë, obra clássica da literatura inglesa, e o romance contemporâneo, *H: the story of Heathcliff's journey back to Wuthering Heights* (*H: A história do regresso de Heatcliff ao Morro dos Ventos Uivantes* - 1992), de Lin Haire-Sargeant, que remonta a seus protagonistas, Heatcliff e Catherine, pretendendo responder a algumas questões que ficaram em aberto na obra canônica. Para tanto, tomamos como base teórica a estética da recepção (JOBIM, 1992), além de outros aportes, como as noções de dialogismo intertextual (BAKHTIN, 1999), intertextualidade (KRISTEVA, 1974), recepção criativa (JOBIM, 1992; CURY, 1995) e paródia (JOBIM, 1992). Essas reflexões nos possibilitam a constatação da inter-relação, explícita e intencional, provocada por Haire-Sargeant ao retomar o texto de Emily Brontë exatamente, do ponto onde ela encerra *O Morro dos Ventos Uivantes*. No caso *The Return to Wuthering Heights*, veremos que este romance não apenas preenche os espaços do silêncio (ORLANDI, 2007), entendidos aqui como as brechas deixadas por Emily sobre quais foram os caminhos percorridos na trajetória de Heatcliff durante sua ausência do Morro dos Ventos Uivantes, voltando um homem modificado, rico e poderoso, sem, ao menos aparentemente, lembrar o menino cigano sem origem por quem Catherine se apaixonara. Com a autoridade que lhe confere a teoria da recepção, a leitora/autora Haire-Sargeant, nos apresenta novos e intrigantes personagens, descendentes da triste saga dos Heatcliffs e dos Eanshaws, não apenas perpetuando o sofrimento e a desilusão entre seus protagonistas, mas, sobretudo, eternizando o amor vivido entre eles, fazendo ressoar ecos do passado que teimam em espalhar-se pelos morros uivantes.

**Palavras-chave:** *Wuthering Heights*. Dialogismo. Intertextualidade. Recepção criativa.

## Introdução

O ser humano, por essência, é um ser dual. Vivemos mergulhados em sentimentos contrastantes - amor versus ódio, desilusão versus felicidade, etc. É nesse intenso e conflitivo universo existencial, entre dúvidas e certezas, que vivem os protagonistas de *Wuthering Heights*, de Emily Brontë, Heathcliff e Catherine. Ambos são impedidos de concretizar o imenso amor que sentem, o que os transforma, não apenas em suas aparências, mas, em suas almas.

O pobre rapaz de origem desconhecida torna-se um homem frio, vingativo e obcecado. A bela e encantadora jovem vive uma existência amargurada, penalizando-se durante toda a vida por não ter escolhido lutar por seus sentimentos, ao invés de deslumbrar-se pelo luxo e riqueza proporcionados pelo casamento com um homem a quem não ama.

O nosso interesse pelo tema surgiu através de estudos sobre a Estética da Recepção a partir de um recorte singular: a possibilidade de uma obra moderna relacionar-se com um clássico da literatura traçando um caminho inverso do habitual. Fundamentando-nos em Jobim (1992), que trabalha a possibilidade de relacionar-se uma obra moderna, no caso *H: the story of Heathcliff's journey back to Wuthering Heights*, de Lin Haire-Sargeant com uma obra clássica, *Wuthering Heights* de Emily Brontë, veremos que este romance não apenas preenche os espaços do silêncio (ORLANDI, 2007), entendidos aqui como as brechas deixadas por Emily sobre quais foram os caminhos percorridos na trajetória de Heathcliff, como nos apresenta novos e intrigantes personagens, descendentes dos desencontros amorosos entre as famílias Heathcliff e Eanshaw.

Haire-Sargeant retoma o texto de Brontë através de vários aspectos, dentre os quais merece destaque a narração da obra, que é feita por meio das descobertas de Tom Lockwood (filho do senhor Lockwood) e por Agnes (sobrinha de Nelly Dean) – descendentes dos narradores do texto de Brontë.

Utilizamo-nos ainda nesse estudo de outros aportes teóricos, como as noções de dialogismo intertextual (BAKHTIN, 1999), intertextualidade (KRISTEVA, 1974), recepção criativa (JOBIM, 1992; CURY, 1995), paródia (JOBIM, 1992), onde constatamos a inter-relação, explícita e intencional, provocada por Haire-Sargeant ao retomar seu texto, exatamente, do ponto onde Emily encerra “O Morro dos Ventos Uivantes”.

Este trabalho tem, assim, o objetivo de apresentar o diálogo entre esses dois textos, que apesar de distantes cronologicamente, formam um todo unificado a partir do momento em que a leitora/receptora/autora Lin Haire-Sargeant se apropria da obra de Emily Brontë para nela inserir a sua compreensão da narrativa, modificando a compreensão de outros leitores sobre a obra clássica, por meio de um retorno inesperado, mas apaixonante aos páramos que rodeiam o “nosso” Morro dos ventos uivantes.

## **2. Emily Brontë e Lin Haire-Sargeant**

A escritora Emily Jane Brontë, autora do romance *Wuthering Heights* (*O Morro dos Ventos Uivantes*), escrevia sob o pseudônimo masculino Ellis Bell e era a segunda irmã mais velha das irmãs Brontë, entre Charlotte e Anne. Nasceu em Thornton Yorkshire, Reino Unido, em 30 de Julho de 1818. Com um temperamento introspectivo, evitava qualquer pessoa fora de sua família, e misturava com o mesmo peso a realidade e a fantasia. Recusou a ajuda da família e assistência médica ao contrair tuberculose, vindo a falecer em 19 de dezembro de 1848, com apenas trinta anos de idade.

Emily só teve o seu reconhecimento muitos anos após a sua morte, e é tida como a mais talentosa das irmãs Brontë. A autora criou um mundo próprio, perpassado pelo sobrenatural, para escrever esta que foi uma das mais trágicas - e igualmente românticas - obras da literatura inglesa. O livro chocou os leitores da época, uma vez que, para contar a história de amor entre Catherine e Heathcliff, a jovem autora expôs os sentimentos e a alma dos personagens de uma maneira pouco comum ao mostrar suas falhas de caráter e revelar o abismo social que separava os dois irmãos de criação, mantendo, assim, a tensão ao longo de todo o romance.

A trama ganha contornos sombrios quando o Sr. Lockwood, o novo locatário da Granja da Cruz do Tordo, faz uma visita ao seu senhorio, Heathcliff, proprietário do Morro dos Ventos Uivantes, e, durante uma terrível nevasca, precisa se abrigar na casa. A partir dessa noite, envolta em suspense e mistério, revela-se a história da paixão entre Heathcliff e Catherine.

Ao passarmos para a biografia de Lin Haire-Sargeant, constatamos, lamentavelmente, que existem poucos registros sobre a autora. As informações desconstruídas veiculadas pela internet deixam lacunas sobre a vida pessoal da autora, e conseqüentemente sobre sua produção literária. A esse respeito sabemos apenas que ela é professora associada da Universidade de Massachussets, tem PhD pela Universidade de Tufts e que publicou até agora o romance *H.: The Story of Heathcliff's Journey Back to Wuthering Heights* (2009); um capítulo na edição crítica da antologia Norton de *Wuthering Heights* (2004) intitulado *Sympathy for the Devil: the Problem of Heathcliff in Film Versions of Wuthering Heights* (2005); a dissertação de mestrado *American Girl to New Woman: Themes of Transformation in Books for Girls, 1850-1925*.

Como dramaturga, escreveu as peças *Silence, Into the House, Dead, Swallowing the Spider, Green Pastures, the Doppelganger Effect*. A autora é também co-Fundadora e diretora artística do Teatro *Outloud* (1992-1997); Co-curadora do grupo *Blue Moon Poets and Playwrights* (1993-1997); Co-Fundadora e diretora administrativa do Teatro *Firedog* (1997-2002) e co-editora e diretora administrativa do Jornal Literário *Bruno*, (1992-1993).

### **3. Literatura comparada e recepção produtiva**

No que diz respeito à Literatura comparada, ao partirmos da reflexão sobre a relação dialógica entre as obras de Emily Brontë e Lin Haire-Sargeant, utilizaremos o conceito de recepção criativa - um dos aspectos da Estética da Recepção (JOBIM,1992). Trata-se de uma corrente estética que procurou superar a hegemonia exercida pelo estruturalismo durante toda a década de 1970, principalmente ao excluir a noção diacrônica da história. O estruturalismo trabalhava basicamente com a ideia sincrônica de estrutura, sistema e modelo, que empregava a lógica matemática em uma análise imanente do texto, considerando os aspectos sociais tão somente quando se encontrassem articulados nele.

Jobim (1992) defende que a Estética da Recepção caracteriza o leitor com base em duas categorias: a do horizonte de expectativa, misto dos códigos vigentes e da soma de experiências sociais por ele acumuladas; e a de emancipação,

entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade. Cabe, portanto à Estética da Recepção, reconstruir a relação dialógica entre uma obra e seu público.

O significado virtual de uma obra pode permanecer ignorado até que a evolução literária tenha atingido determinado horizonte. Podemos afirmar, portanto, que *journey back to Wuthering Heights* está mergulhada nessa primeira vertente da recepção criativa, já que tece caminhos para a compreensão da obra que a precede: *Wuthering Heights*. Esta mudança na recepção literária pode causar, conforme ressalta Jobim (1992) uma mudança na estética, que se apropria de modo novo do passado, com decidida vontade de recuperá-lo. Este aspecto que remete ao resgate e à influência sobre a obra primeiramente produzida é nitidamente identificado no prefácio do romance de Haire-Sargeant, quando ela insere o seguinte comentário:

Compreendo a verdade ao me dar conta de que não trataria de escrever como Emily, mas sim faria uma novela completamente diferente, retomando a seus dois personagens Hareton e Cathy, onde ela os deixou. Meu interesse se concentraria nas interações e nas relações humanas, no desenvolvimento dos personagens e na influência das forças naturais e não-naturais sobre o destino. Estenderia, em termos mais humanos, os temas duplos de Emily, de calma e tormenta, luz e escuridão: Heatcliff versus Earnshaw e os Morros erguendo-se sobre os páramos açoitados pelos ventos. (HAIRE-SARGEANT, 2009, p. 6)

Assim, baseando-nos na Teoria da Recepção, constatamos que o eixo de análise das produções literárias deixa de ser a obra, para voltar-se à sua recepção, o que segundo Jobim (1992) causa um impacto sobre a forma com que a obra é entendida pela sociedade, influenciando diretamente na evolução desta e das demais subsequentes a ela, refletindo diretamente na escrita e reelaboração da literatura como um todo.

### 3.1. Dialogismo e Intertextualidade

O dialogismo no interior do discurso se refere à relação entre dialogismo e intertextualidade. “Um sentido de dialogismo mais explorado e conhecido e até

mesmo apontado como o princípio que costura o conjunto das investigações de Bakhtin” (BARROS *apud* FIORIN, 2003, p. 04).

Ao considerar o fenômeno do dialogismo na literatura, o pensamento de Bakhtin se baseia na intertextualidade. O vocábulo é inserido como parte do universo bakhtiniano por Julia Kristeva, em 1967, quando esta publica na Revista *Critique*, uma vasta discussão sobre as teorias apresentadas por Bakhtin nas obras *Problemas da poética de Dostoievski* e *A obra de François Rabelais*. “Kristeva chama de “texto” o que Bakhtin nomeia como “enunciado” e denomina “intertextualidade” o que ele denomina como “dialogismo”.

Segundo ela, para o teórico russo, o discurso literário é um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras, um cruzamento, um mosaico de citações. Uma retomada de outros textos.

As formas de relação entre os textos são muito variadas. “[...] há vários tipos de intertextualidade que auxiliam no significado textual e proporcionam um maior desvelamento semântico do texto” (KOCH *apud* SILVA, 2009, p. 01). Entre estes tipos, abordaremos a intertextualidade temática, e a intertextualidade de forma explícita. A primeira trata do compartilhamento de temas e ou conceitos e pode ser encontrada entre textos científicos, entre matérias de jornais e de mídia em geral, entre textos literários de uma mesma escola literária e de um mesmo gênero, ou até entre textos, de escolas, gêneros e estilos diferentes.

Segundo Cury (1995) a Intertextualidade constitui-se de diversos níveis, sendo que um dos que possui maior ênfase é o da história da literatura. Essa inserção se dá de diferentes maneiras, que vão desde uma adesão a comportamentos artísticos anteriores, até o estabelecimento de rupturas com textos passados ou mesmo contemporâneos. A autora ressalta que não se pode esquecer também que essa inserção nunca se dá de modo passivo, pois a própria existência de cada texto altera o conjunto:

A existência de cada texto novo interfere tanto no conjunto da literatura, que permite alterar-se a “recepção” dos textos previamente existentes, o que mostra que autores e textos díspares, e outros que aparentemente nada teriam em comum, passam a partilhar ideias. (CURY, 1995, p. 60)

Desta forma Cury (1995) afirma que ocorre uma subversão da própria intertextualidade, uma vez que um texto escrito no século XX pode alterar tradições literárias anteriores (o que ocorre entre as obras de Emily Brontë e Lin Haire-Sargeant).

Ao observarmos a intertextualidade literária atentamos também para os traços que aproximam obras e autores de estéticas e épocas distintas, enfatizando não apenas as semelhanças, mas as diferenças entre elas.

Ao texto literário, cabe observar que as produções humanas constituem uma infundável rede, cada um vai tecendo seu pedaço, com pontos delicados ou nós de escoteiro. O que importa é que não se corte o fio, pois leitura é, antes de tudo, interação, um movimento conjunto. (CURY, 1995, p. 64)

Desta forma, ao analisarmos o fenômeno da intertextualidade, não há a pretensão de apontar caminhos já abertos para o estabelecimento do diálogo entre textos, mas, antes de apontar algumas trilhas que precisam ser desdobradas em novas experiências de leitura literária.

### 3.2. A Intertextualidade na Recepção

O ato de ler é essencialmente um fenômeno intertextual, isso implica no fato de que toda leitura gera o estabelecimento de relações entre o texto a ser lido e outros textos produzidos anteriormente.

Para Cury (1995) a associação entre textos é um fenômeno livre e independente do comando da consciência do leitor, assim como pode ser independente da intenção do autor, sendo que qualquer assunto pode tornar-se, em princípio, objeto de relação entre os textos lidos.

As leituras prévias funcionam como condicionadoras de cada nova leitura. O mesmo texto lido, em épocas diferentes, torna-se outro, pois, nesse intervalo de tempo, o repertório do leitor se altera. É necessário atentar para o fato de que a constituição desse repertório não decorre apenas da vontade do leitor, mas também daquilo que

lhe é oferecido na circulação e consumo dos bens culturais. (CURY, 1995, p. 57)

A intertextualidade na recepção acontece quando um texto se inscreve sobre outro, valendo-se de muitos textos referenciais ou de apoio, trabalhando a linguagem metafórica e a subjetividade com recursos próprios Cury (1995). Trata-se de uma interferência simultânea nos campos da literatura e da crítica, resultando em um texto lido com prazer.

### 3.3. Sobre a paródia

Segundo Jobim (1992) a paródia é uma forma de apropriação que, em lugar de endossar o modelo retomado, rompe com ele, sutil ou abertamente. Muitas vezes ela, ainda que conservando sua característica de rompimento, presta uma homenagem ao texto retomado ou ao seu autor.

Esse é o caso de *Heathcliff's journey back to Wuthering Heights*, que se apropria de elementos narrativos da obra de Brontë para construir um novo romance que homenageia a escritora vitoriana.

A paródia está sempre funcionando na literatura e na sociedade como um canto que desafina o tom elogioso, bem-comportado, conservador das práticas discursivas hegemônicas e clássicas. Para Jobim (1992) com esses elementos, a paródia é um processo intertextual que assume traços de um estilo literário, a ponto de ao mesmo tempo aproximar-se do texto de partida, pela construção de um novo texto que com ele dialoga.

## 4. A triste saga das famílias Eanshaw e Heatcliff

Enveredar pelos tortuosos caminhos que marcam as histórias de Heatcliff e Catherine é uma tarefa complexa e ao mesmo tempo estimulante. A saga destas duas famílias é eminentemente marcada pela dor: os Earshaws e os Heatcliffs, (e posteriormente os Lintons) são seres fadados ao sofrimento, mas que contraditoriamente apresentam o mais puro sentimento humano, aquele capaz de ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço, perpetuando-se nas gerações futuras de Heathcliff e Catherine, tendo como pano de fundo o seu intenso amor.

Assim, partindo do universo ficcional de *Wuthering Heights* (1847), único romance de Emily Brontë, somos apresentados aos protagonistas Catherine Eanshaw e Heathcliff (cujo primeiro nome não sabemos) como vítimas de conflitos e contradições resultantes de um fosso que separa o ideal da realidade (a diferença de classe) que os impede de viver na sua vida concreta o grande amor que habita em suas almas.

Heathcliff ainda garoto é encontrado pelo Sr. Earnshaw – pai de Cathy e Hindley – nas ruas de Liverpool, Inglaterra, e trazido para viver como um dos seus filhos na propriedade da família, *Wuthering Heights* (o Morro dos ventos uivantes). Durante sua infância ele é humilhado por Hindley, o que inicialmente não o incomoda, pois, sua atenção e carinho são totalmente voltados para Cathy, seu único amor. Porém, com o passar dos anos, as diferenças sociais existentes entre eles quebram a redoma de cumplicidade e profunda comunhão que une os dois.

Um acontecimento muda os rumos do casal: a inocente invasão da propriedade vizinha para caçar a pompa dos vizinhos ricos, altera consideravelmente os destinos dos protagonistas. Na saída da propriedade, Cathy é atacada por um dos cães dos Lintons, e passa dois meses se recuperando dos ferimentos na luxuosa propriedade deles, “*Thrushcross Grange*”. Ali, aculturada aos costumes dos seus anfitriões, Cathy passa por uma mudança que envolve a etiqueta social imposta a uma jovem bem nascida, o que se reflete também no seu modo de vestir-se, provocando nela uma transformação radical. Dividida entre o amor sólido, porém degradante por Heathcliff, e a aparente ilusão juvenil por uma união promissora com um jovem elegante, rico, belo e de prestígio, Cathy trai a si mesma, e comete o erro de casar-se com Edgar Linton.

Em sua famosa confissão à criada Nelly Dean sobre as razões que a levaram à fatídica decisão, Cathy deixa escapar que a fina camada de imaturidade que parece revestir sua decisão na realidade é um mascaramento para o profundo conflito interior pelo qual vem passando desde que chegou a certo nível de maturidade em tão pouco tempo:

Minhas grandes infelicidades neste mundo têm sido as infelicidades de Heathcliff. Aguardei-as e senti-as todas desde sua origem. É ele a minha grande razão de viver. Se tudo percesse, mas ele ficasse, eu continuaria a existir. E, se tudo permanecesse e ele fosse aniquilado, o mundo inteiro se tornaria para mim uma coisa totalmente estranha.

Eu não seria mais parte desse mundo. Meu amor por Linton é como a folhagem dos bosques: o tempo o transformará...Meu amor por Heathcliff assemelha-se aos rochedos imotos que jazem por baixo do solo: fonte de alegria pouco aparente mas necessária. Nelly, *eu sou Heathcliff*" (BRONTË, 2004, p. 82)

Um aspecto que merece destaque é a narração do texto, feita com poucas exceções, pela testemunha ocular de todos os acontecimentos, a governanta Ellen Dean, ao locatário da propriedade Thrushcross Grange, (A Granja dos Tordos), enquanto este se encontra adoentado.

Quando Cathy e Edgar casam-se, Heathcliff vai embora do *Morro dos Ventos Uivantes* e, quando volta, está rico e fidalgamente trajado, chamando a atenção de Catherine e despertando ciúmes em seu marido.

Cathy tem uma filha de Edgar, também chamada Catherine, e morre logo em seguida. Então Heathcliff resolve se vingar de Hindley e Edgar, planejando penalizá-los: ao primeiro pelo sofrimento e humilhações de sua infância, ao segundo por ter se casado com a mulher de sua vida.

Por outro lado Isabella Linton, irmã de Edgar Linton, apaixona-se e casa-se com Heathcliff, arrependendo-se logo em seguida. Abandona-o e tem um filho a quem dá o nome de Linton, enquanto está longe do ex-marido. Hindley cai no vício do jogo e da bebida e perde todos os seus bens para Heathcliff. Hareton, filho de Hindley, conseqüentemente, fica sem herança - mas apesar disso, considera Heathcliff uma pessoa de alta moral, não permitindo que se fale mal de sua pessoa. Antes da morte de Edgar, Heathcliff casa o filho Linton com Catherine, a filha de Cathy e Edgar.

Catherine descobre-se sem bens quando seu marido Linton morre e Heathcliff apresenta um testamento onde seu filho lhe havia passado tudo quanto possuía. Pensando já ter se vingado, Heathcliff percebe nos últimos descendentes das casas da *Granja dos Tordos* e do *Morro dos Ventos Uivantes* o olhar de seus antepassados e a paixão entre os dois. Morre amargurado, recluso em sua loucura e solidão. Como último desejo é enterrado junto com Catherine, seu grande amor. Daquele dia em diante muitos juram ver sempre um casal vagando pelas charnecas do Morro.

Quanto à obra-resposta de Lin Haire-Sargeant, vemos que a autora retoma a história da família Eanshaw e dos descendentes de Heathcliff com o intuito de

interferir na obra-mãe para esclarecer algumas omissões deixadas por Brontë quanto a fatos verdadeiramente importantes na trama, como por exemplo o destino que havia tomado Heathcliff após ir embora do Morro dos ventos uivantes.

No prefácio da sua obra, Haire-Sargent coloca algo que não pode deixar de ser mencionado: a razão que a levou a escrever um novo texto, com outros personagens descendentes da saga de amor, ódio e desilusão construída entre Heatcliff e Catherine.

Eu sabia que a tarefa que ia empreender seria árdua. Sabia que seria difícil, porque quando se menciona o nome Brontë encontra-se uma auréola invisível, cuidadosamente preservada pelos críticos. [...] Então por que tentar escrever uma continuação? Principalmente acredito que porque a obra o pede. (HAIRE-SARGEANT, 2009, p. 5)

O texto de Emily cria uma teia de emoções turbulentas e conflitivas que em certo sentido fazem com que o leitor espere que os amantes tenham um final feliz, o que não acontece. Assim, o espaço de silêncio criado em torno de como foi a vida da jovem Catherine Linton e de Hareton, que mesmo sem nenhuma culpa colhem os frutos dos erros cometidos por seus pais, constitui-se uma lacuna no enredo de Brontë que Haire-Sargeant, como leitora, sente necessidade de preencher.

A respeito do silêncio – aqui no nosso estudo entendido como as lacunas deixadas pela narrativa de Brontë – Orlandi assim argumenta:

O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas na obra literária. [...] O eco do silêncio se manifesta na repetição, na não-finitude, no movimento contínuo de som. (ORLANDI, 2007, p. 32)

A narrativa de *Heathcliff's journey back to Wuthering Heights* (daqui em diante referida como “H”), inicia-se pelas descobertas de Tom Lockwood (filho do senhor Lockwood) e por Agnes (sobrinha de Nelly Dean). A história de Heatcliff se perpetuara em seus descendentes, seu neto Antony Heatcliff, um homem grosseiro, aparentando trinta anos, e da jovem de anelados cabelos castanhos, a terceira Catherine Earnshaw, neta da primeira, atormentada pelos ecos do triste passado vivido por sua mãe, pela certeza de que ela havia se casado com seu pai sem amor:

[...] Cathy sabia que sua mãe e Heatcliff haviam crescido juntos, que se tinha casado com seu pai em lugar do Heatcliff, a quem amava e que a amava. É por isso que estava tão estranha quando retornava a casa de noite. Sentia-se perturbada ao saber que talvez sua mãe nunca tinha amado a seu pai, e sim a um homem estranho que havia a posto como prisioneira. (HAIRE-SARGEANT, 2009, p. 28)

O dialogismo intertextual (cf. FIORIN, 2003, p. 04) entre as obras fica ainda mais perceptível quando Agnes conta a Tom Lockwood um fato que preenche uma lacuna em “O Morro dos Ventos Uivantes” que é a morte da segunda Catherine:

[...] foi uma moça desencaminhada, talvez perversa, mas ninguém que visse a paz em que morreu, como eu a vi, a serena expressão de seu rosto, poderia acreditar que pudesse estar em outra parte, exceto no paraíso. Minha Tia se comoveu ao ver morta sua ama, que tinha vivido uma vida tão breve, mas turbulenta, assim nunca acreditou nas histórias de que era um fantasma. (HAIRE-SARGEANT, 2009, p. 29)

A terceira Catherine dá a luz a uma filha, a menina Margaret Catherine Earnshaw, cujo nome foi escolhido para homenagear a honra de sua mãe e de sua avó, porém a maternidade não faz sumir outro elemento convergente entre as “catherines”, a vaidade e a ambição. Mesmo após a morte de Heatcliff o fantasma de Catherine continua a rondar o morro dos ventos uivantes, causando um sentimento de medo e ao mesmo tempo de nostalgia.

Na obra de Emily, Edgar Linton é um homem que, embora afortunado e educado, demonstra pouco interesse pela mulher Catherine. Ao retornarmos ao morro, temos Hareton como um homem admirável, orgulhoso de suas posses, mas que não demonstra paixão por sua esposa.

Heatcliff tem um filho bastardo chamado Capitão Ibbitson Heatcliff, que carregara consigo a maldade e o desejo de vingança como os outros que o antecederam. É fruto do romance de seu pai com a amante Dorothy Ibbitson, romance que durou durante três ou quatro anos, enquanto ele esteve longe dos morros.

Em “*H*”, mais uma vez passado e presente se inter-relacionam, unindo-se pelo amor e pelo ódio entre os Heatcliffs e os Earnshaws. O Coronel Heatcliff casa-se com Margaret fazendo-a sofrer com seu descaso e desamor, mesmo assim ela engravida de seu primeiro filho:

Não conheço o significado do amor, pelo menos com a família Earnshaw, porque eles nunca conheceram seu significado quando se tratou de minha família. Minha mulher está a ponto de dar a luz a meu filho e quero que esteja sob meu teto, embora um dia espero que este teto também seja meu – Olhou ao seu redor com expressão de cobiça e satisfação de proprietário na cara. (HAIRE-SARGEANT, 2009, p. 142)

Herdeiro da maldade e da cobiça, o coronel Heathcliff morre pouco depois, deixando seus bens para seu filho. O passado é revivido, mais uma vez, quando Cathy e Antony voltam a morar no Morro dos Ventos Uivantes vivendo sozinhos, isolados, longe da maldade humana, mas também longe do amor e do convívio com as pessoas. Assim, a natureza cíclica das obras fica ainda mais flagrante, pois a história encerra-se com um homem e uma mulher no Morro dos Ventos Uivantes. Ambos os textos retornam a seu ponto de partida e o romance termina exatamente no ponto onde se inicia. Desta forma, completa-se o terceiro ciclo, aquele que nos leva a um inesperado retorno ao Morro dos Ventos Uivantes.

## 5. Diálogo entre obras

Na década de 1960 a escritora dominicana Jean Rhys teve a interessante ideia de resgatar Bertha Mason, a louca do sótão em *Jane Eyre* (1847), romance de Charlotte Brontë, uma das irmãs escritoras de Emily. Partindo da figura que Charlotte havia delineado apenas vagamente, o romance de Rhys, *Wide Sargasso Sea* (*Mar de Sargaço*, 1966) narra de modo poeticamente brilhante a trajetória que levou Bertha a ser encarcerada no sótão de casa, em Thornfield. Desta mesma maneira, Em “*H*”, (1992), Lin Haire-Sargeant toma de empréstimo outra personagem do repertório da família Brontë: Heathcliff, o herói do romance de Emily.

Segundo Angeline Goreau (1992), o romance de Haire-Sargeant, entretanto, difere grandemente do de Rhys. Ambientado principalmente nas Índias Ocidentais, *Wide Sargasso Sea* pode ser lido independentemente de *Jane Eyre*, tendo como inspiração memórias da infância da autora na ilha tropical da Dominica, onde ela passou seus primeiros anos de vida. Referindo-se ao romance de Haire-Sargeant como “*H*”, Goreau diz que ele está mais diretamente ligado à obra de Emily Brontë, pois a primeira se apropria das personagens centrais da segunda para completar

informações importantes que a obra mãe deixa de fornecer ao leitor: O interstício que se segue à cena crucial do romance, como afirmamos antes, em que Catherine Earnshaw, sem perceber que está sendo ouvida por Heathcliff, confia a Nelly Dean que casar com o rapaz a faria degradar-se. A partir deste ponto da história, Heathcliff foge em desespero, retornando três anos depois, rico e com modos refinados, porém tarde demais. Nesse intervalo Catherine havia desposado o elegante Edgar Linton.

Goreau nos revela que em seu primeiro romance, a professora Haire-Sargeant se propõe a contar-nos o que Heathcliff havia feito nos anos em que esteve ausente de *Wuthering Heights* (GOREAU, 1992, p. 1). Ao fazê-lo, a personagem acaba também dando conta da origem desconhecida da personagem. Imitando a estrutura da narrativa no romance de Emily, Haire-Sargeant emoldura a história de “H” através de um encontro entre Charlotte Brontë e o Sr. Lockwood, um dos narradores de *Wuthering Heights*. O Sr. Lockwood, com quem Charlotte nunca havia encontrado antes, entrega-lhe uma carta endereçada a ele por Nelly Dean, a governanta de *Wuthering Heights* e segunda narradora do enredo de Emily.

A carta, escrita por Heathcliff a Cathy (Catherine) 60 anos antes, descreve um encontro misterioso que ele havia tido com um cavalheiro chamado Mr. Are depois de fugir do Morro dos Ventos Uivantes. Por motivo desconhecido, o Sr. Are dá um emprego a Heathcliff e ensina-lhe bons modos, tornando-o um cavalheiro. Quando descobrimos que o Sr. Are provém de Thornfield, sua verdadeira identidade torna-se clara para o leitor, embora Heathcliff só venha a descobrir a verdade sobre o seu benfeitor ao encontrar Bertha Mason.

O romance termina com uma confrontação entre as irmãs Charlotte e Emily, na qual Emily diz a Charlotte: “Algumas coisas não podem ser explicadas diretamente... Algumas histórias jamais podem ser contadas, apenas sentidas”. Na opinião de Goreau, esta parece ser uma conclusão esquisita para um romance em que boa parte da energia da narrativa é gasta tentando-se descobrir a razão do comportamento misterioso de Heathcliff. O fato de que ele tenha vindo de uma família desestruturada e saiba a verdade sobre as suas origens explica tudo.

Ainda Segundo Goreau (1992), uma das grandes forças de Emily Brontë enquanto escritora é saber o que omitir. Afinal de contas, ela era essencialmente uma poetisa. A incógnita ausência de Heathcliff do Morro dos Ventos Uivantes é parte central da narrativa: ele reaparece depois de três anos tão misteriosamente

quanto da primeira vez que chegou à propriedade dos Earnshaws como órfão cujas origens eram ignoradas, até mesmo para ele. O ponto focal é que Heathcliff é totalmente desconhecido; ele seria nada menos que uma força da natureza.

Percebemos o Heathcliff de Emily dividido entre dois narradores: o imparcial Lockwood e a perambulante Nelly Dean. As aparições diretas da personagem em *Wuthering Heights* são raras, e mesmo assim aqui e acolá é que ele fala mais longamente. O Heathcliff que Haire-Seargent nos apresenta, ao contrário, aparece constantemente no decorrer de uma carta de 250 páginas - a carta que ele supostamente havia escrito para Cathy enquanto esteve hospedado numa pousada a poucos quilômetros de *Wuthering Heights*. No cotejamento que faz entre as duas obras, Goreau observa que enquanto o romance original deixa ao leitor a opção de imaginar quais seriam as intenções de Heathcliff ao deixar Cathy depois de ouvi-la dizer que seria degradante casar-se com ele, "*H*" radicaliza:

"I saw, as in a flash from the lurid heavens, my own hulking form . . . set beside Edgar's impeccable demeanor. Then indeed I knew the meaning of pain. As I stood in the quickening wind, I imagined thrusting that blond face into the depths of Blackhorse Marsh . . . crushing those pink ears in my hands till they wrung blood. My fingers ached with the pleasure of it! But it was I who was mired, in poverty and ignorance. I opened my mouth to the wind and howled. How could I shake off the filth that encumbered me? How could I free myself? Where was my hope?" (HAIRE-SEARGENT, 1992, p. )

Na passagem acima, livremente traduzida, ao narrar a reação de Heathcliff após escutar tal comentário de Catherine, a autora descreve em detalhes os pensamentos mais dolorosos e mais cruéis da personagem, que sob o efeito do ódio e da fúria, imagina estar prazerosamente afogando o rosto branco do seu rival num pântano, enquanto lhe esmaga os ouvidos até verterem sangue.

Enquanto em *Wuthering Heights* a extravagância de Heathcliff apoia-se firmemente na riqueza de detalhes sobre a vida cotidiana de Yorkshire, em "*H*" o gótico se supera. Pode-se até dizer que o livro, considerado como uma paródia da ficção gótica apresenta um realismo mágico que parece desencadear-se dos mais aterrorizantes romances vitorianos. Os eventos da narrativa de Haire-Seargent parecem simplesmente acumular-se, até que venhamos a conhecer o chocante mistério que envolve o nascimento de Heathcliff.

## Considerações Finais

Ao lermos o clássico de Emily Brontë, instantaneamente nos apaixonamos pela história de amor entre Heathcliff e Catherine, mesmo com seus desencontros, suas decepções e suas tragédias. É quase inevitável ao leitor torcer para que pessoas de origens sociais tão distintas fiquem eternamente juntas, apesar da desigualdade de classe. A paixão, o carinho e o afeto sentido pelos jovens amantes, ao menos durante a inocência da infância e da tenra adolescência, como em um conto de fadas, faz-nos desejar que eles sejam “Felizes para sempre”, o que não acontece.

Inevitável também é a curiosidade que *Wuthering Heights* nos inspira sobre os destinos das personagens, especialmente no caso de Heathcliff, onde nos pomos a imaginar quais teriam sido os fatos que lhe ocorreram durante o seu período de ausência.

A obra de Lin Haire-Sargeant, numa inter-relação dialógica com o clássico de Brontë, inscreve sobre o texto anterior outras marcas, outras palavras que, complementando-o, nos respondem às questões silenciadas por Brontë.

Em *Heathcliff's Journey Back to Wuthering Heights*, além da apropriação das fontes e do resgate da vida das personagens principais da obra com a qual dialoga, a autora introduz novos elementos à trama que desenvolvem uma teia de acontecimentos, criando assim um ciclo dialógico que somente é fechado no término do texto, quando os personagens voltam novamente ao ponto onde na obra clássica, Emily os deixou: em meio à solidão e ao desamor, isolados nos páramos que rodeiam o Morro dos Ventos Uivantes.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARROS, Diana Luz; Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz; FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003. cap. 1, p. 3.
- BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- CURY, Maria Zilda; PAULINO, Graça; WALTY, Ivete. *Intertextualidades: teoria e prática*. São Paulo: Lê, 1995.
- DIAS, Daise Lílian Fonseca. *O erro trágico de cathy em O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Cultrix, 2004
- DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos - chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- GOREAU, Angeline. "Whatever Happened to Heathcliff?" Texto online publicado em 19 de Julho de 1996. Disponível em <http://www.nytimes.com/> Acesso em: 27 de novembro de 2011.
- HAIRE-SARGEANT, Lin. *H: The Story of Heathcliff's Journey back to Wuthering Heights*. Simon & Schuster, 2009.
- HAIRE-SARGEANT, Lin. Biografia. Disponível em: <http://www.amazon.com/Story-Heathcliffs-Journey-Wuthering-Heights/> Acesso em: 14 de novembro de 2011
- JOBIM, José Luis. *Palavras da Crítica: Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*. Campinas, 2007.
- SZONDI, Peter. *Teoria e drama moderno: 1880-1950*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SILVA, Veridiana Barbosa da. *A intertextualidade mostrada em Millôr Fernandes*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009.